



*Agenda 150 Anos de Memória
Histórica do Tribunal Bandeirante*

*Homenagem ao
Desembargador José Geraldo Barreto
Fonseca*

15/04/2015

ÍNDICE

Clique nas chamadas para ser remetido para a página onde se localiza o texto

DISCURSO - Des. Luiz Beethoven Giffoni Ferreira (Orador em nome do Tribunal de Justiça de São Paulo)

DISCURSO PROFERIDO EM NOME DA FAMÍLIA - José Vicente de Azevedo Pires Barreto Fonseca (filho do homenageado)

ENCERRAMENTO - Dr. José Renato Nalini (Presidente do Tribunal de Justiça)

Em evento da **Agenda 150 Anos de Memória Histórica do Tribunal Bandeirante**, a Corte homenageou, no Palácio da Justiça, o Desembargador José Geraldo Barreto Fonseca.

O Salão do Júri do Palácio da Justiça foi tomado de grande emoção com a homenagem prestada pelo Tribunal de Justiça de São Paulo ao desembargador José Geraldo Barreto Fonseca. A solenidade integra o projeto **Agenda 150 Anos de Memória Histórica do Tribunal de Justiça Bandeirante**, idealizado para dignificar desembargadores, juizes e servidores do Judiciário paulista, sob a coordenação do desembargador Ricardo Henry Marques Dip.

Orador em nome do TJSP, o desembargador Luiz Beethoven Giffoni Ferreira, enalteceu as qualidades do amigo, de quem foi aluno durante os anos de faculdade:

Senhores:

Recebida esta vocação de nosso querido Presidente da Corte Centenária paulista, por indicação do Desembargador sempre AUGUSTO DIPP, de início tremi da empreitada; como alçar a voz sobre esta Casa, perante assaz distintíssima Assembléia, para falar sobre talvez a mór figura e personalidade de todas que já hajam perlustrado estes salões, com que o estro inspirado de RAMOS DE AZEVEDO deu de brinde à Pátria e à Justiça brasileira?

Como exalçar, com ensoado vernáculo, uma entidade que de PER SI detinha tamanha simplicidade de comportamento e atitudes, que semelhava a estrutura atômica, tão corriqueira no equilíbrio dentre os prótons e os elétrons, em que se assenta toda a estrutura física do Universo, mas no entretanto de tão imensa grandeza e complexidade, que em verdade não se consegue mesmo dizer dele, por mais que se esforce, ANTE ESSA SIMPLICIDADE QUE DE TÃO PROFUNDA É GRANDIOSA, senão muito menos do que fôra PRECISO - percebendo, de aí, e de proêmio, a diletta assistência, da magnitude da Odisséia a que a generosidade da E. Presidência vem de impor.

Assim, empós desse longo meditar, cuidei de que não ficara bem falar - vos do esplêndido Magistrado que foi JOSÉ GERALDO BARRETO FONSECA; a esse respeito falam suas primorosas decisões, jóias de cultura jurídica e sensibilidade moral, todas anotadas nos Repertórios de Jurisprudência, que ressumbrarão cada vez mais longe, qual farol a orientar o navegante - pelo que disso vos não falarei.

Nem lhes vou dizer, também, de seu enorme cabedal técnico, haurido em primorosas fontes de saber, com os Clássicos, desde quando, mui jovem ainda, operava em nossa então pacata e brumosa Campinas, iniciando-se como amanuense no Instituto Agrônômico; tampouco vos lembrarei do operosíssimo estudante também de nossa saudosa PUC CAMPINAS, de quem, dileto discípulo do Monsenhor SALIM - nume tutelar daquela Casa, houve fama de um dos mais principais estudantes de sua história - e também vos não direi de sua luminosa e transcendente carreira de Juiz, com decisões de muita vez ganharem as primeiras páginas da imprensa; deixemos de lado sua primeira colocação em Concurso do Ministério Público e da Magistratura, prova viva do que se fala; mas aqui, deixando perpassar essas glórias na



imensidade de seu surto, há que cuidar apenasmente de seu coração, E DE SUA ENTIDADE moral. É isso que precisa ser fixado, e agora à luz da inútil pena do discípulo, que sempre o respirou de perto.

Conheci nosso querido homenageado quando, modestíssimo estudante da mesma PUC CAMPINAS, fui seu aluno na matéria de DIREITO CANÔNICO - e aí sua estupenda cultura e sua grandiosa visão de mundo mantinha meus colegas, hereges e agnósticos, presa de profunda atenção - a ponto de que suas aulas, sábados pela tarde, estavam sempre repletas, além da comparência de outros estudantes de anos mais à frente, que ali vinham abeberar-se de suas lições; empós dessas aulas, cometi-me a mim próprio a honra de o conduzir à Rodoviária, em meu velho e desajeitado Volks, que ele sempre elogiava, pois que na época julgava, com mui valor e justiça, na comarca de Diadema, alegria que recebi durante todo aquele ano.

Na Faculdade, sempre e sempre, atendia os alunos e os aconselhava nas dificuldades e relacionamentos vividos; era causa de ver - empós das aulas - a vasta pletora de alunos que o rodeavam, a abeberar-se de sua esplêndida visão de mundo, da simplicidade cativante, vasta cultura, e notável bonomia; lembra-me agora uma pergunta formulada por aluno, acerca de solução a ser tomada em caso rumoroso que agitava o País, na época: criança não recebera medicação, pois que negada pela convicção religiosa dos pais - ao que o mestre obtemperou: "aí o Judiciário seria qual a mão do anjo, a obstar a morte de Isaac, mesmo que sincera a intenção religiosa dos pais" - ao que a assistência prorrompeu em aplausos.

Ficaram célebres suas palestras nas comunidades da Paróquia do Divino Salvador, ainda em Campinas, e já juiz - cujos altares, sob o pátio de Deus e do Padre Teodoro, honrou no seu matrimônio com a meiga D. Stela, companheira da sua lida e de seu pensamento, que apenas as brancas asas da morte se encarregaram de desfazer - mas sob o aspecto meramente físico, apenas. BARRETO FONSECA está presente no seu lar, por ele convertido em santuário - e está presente nesta Casa, neste momento, ouvindo a prece saudosa e sincera do discípulo comovido, e é certo que estará, sempre e sempre, na memória de todos os que o conheceram.

Foi um homem sem fel. Um homem bom. Incomensuravelmente bom.

MONTEIRO LOBATO, em um de seus contos, aduz que o melhor epitáfio para uma pessoa era que se lhe inscrevesse na lápide: ERA UM HOMEM BOM. Mas aqui tratamos de um homem não apenas bom - senão de criatura boníssima, refratária a ódios e antagonismos, e que jamais negou ao próximo o consolo de uma palavra amiga.

Mas enganam-se os que pensam que BARRETO FONSECA era fácil de ser cooptado, ante sua cordialidade inata; nunca; sua agudíssima inteligência de imediato percebia nas pessoas atitude muita vez interesseira, como sói acontecer em nossa classe; e pesar de toda a sua bonomia, e doçura de temperamento, sabia ser rigoroso quando as circunstâncias lho exigiam. Dizia que castigar os que erram é obra de misericórdia espiritual.

Como juiz criminal, ao contrário do que pode parecer, era sancionador de condenações severas; lembra-me uma, acerca de abuso de autoridade, que apenou com rigor funcionário por episódio de tortura: como pessoa com aquela solidariedade natural e amiga poderia, então, agir dessa forma? Lembrava então



do Mestre do Calvário- perdoou aos que o crucificaram, mas açoitou os vendilhões do templo...

Há episódios na vida de BARRETO FONSECA que apenas quem os vivenciou poderá crer; certa feita, defronte a este Tribunal, estava este discípulo dele em sua companhia, juntamente com outra pessoa, quando aproximou-se pobre mendigo dessa nossa tríade: pediu dinheiro, e nosso homenageado retirou de um dos bolsos do paletó nota amarfanhada, e deu-lha ao miserável. Admoestado por esse terceiro, enquanto eu me quedava inerte, ouviu: BARRETINHO, não devia ter dado dinheiro; certamente é para beber... Ao que o mestre retrucou: E RICOS TAMBÉM NÃO BEBEM? Porque é pobre não pode beber? Deixe que esse pobre beba...

Assim era o saudosíssimo e queridíssimo mestre; suas andanças pelas favelas de diadema fizeram-no querido e estimado daquela gente pobre... De seu carinho para com o povo humilde de Itaquera nosso AUGUSTO DIP maior fama contará- pelo que a caridade que dimanava de seu espírito, sua cativante simplicidade, fazia com que qualquer do povo, que com ele conversava, pensasse que era mesmo único a ser tratado daquela forma, no mundo.

Sabeis, senhores, que BARRETO FONSECA foi o Desembargador que mais mudou de Câmaras, em toda a história desta Corte Centenária?

Qual fôra, então, o motivo?

Por primeiro, como se disse, o mestre era um esplêndido Magistrado, de trabalho rápido e profundo; em sabedor de que algum colega - mesmo de outra Seção - estava assoberbado de trabalho, dispunha-se, SPONTE PROPRIA, a realizar permuta com o companheiro, apenas para o aliviar da sobrecarga. Pode-se crer em uma entidade assim completa?

Inspirou-me a mim, e a vários outros, o ingresso na Magistratura; quando da posse, além do efusivo abraço, pôs-me nas mãos um papel, em que sua elegante letra havia escrito o mandamento de Deuteronômio 1:17: NÃO MOSTRAREIS PARCIALIDADE NO JULGAMENTO. NÃO TEMEREIS A NINGUÉM...

A quem pensais, senhores, que o humílimo discípulo recorna, quando dos percalços da carreira?

E que conselhos! Quanta sabedoria! Que PAI para mim e para outros foi BARRETO FONSECA!

Mestre inesquecível!

Mas aquela pessoa doce a cativante sabia ser combativa quando as circunstâncias lho exigiam tal; discordando, certa feita, de atitude do Desembargador Corregedor-Geral da Justiça, nos salões lindeiros desse departamento, bradou em alta e forte voz, diante de inúmeras pessoas: NÃO APRECIO ESSE SENHOR! PRATICOU INJUSTIÇA! PODEM IR DIZER A ELE!

Foi esse mesmo BARRETO FONSECA QUEM, perante o Conselho Superior do Ministério Público, AO DISCURSAR, lembrou a figura da mãe estremecida, a quem então homenageava, e vertendo que a propecta senhora lho ensinara, além do viver amar, a morrer para viver eternamente; e foi na prática autêntica do Evangelho que sua entidade conheceu a glória maior; Deus recebeu de nosso querido homenageado a



dedicação integral DE SUA VIDA E DE SUA CARREIRA, e estava diuturnamente presente em sua vida e em seu pensamento; na família extraordinária que criou, que jocosamente dizia dever chegar aos doze filhos, pois que “por dúzia fôra mais barato”, deu provas de sua fidelidade e de seu carinho, e todos foram encaminhados, e para glória sua e de D. Stelinha todos detêm unidade de pensamento e de devoção - nisso se contando até mesmo o último rebento, verdadeiro anjo, e objeto de seus cuidados.

Da humildade de espírito do saudoso homenageado existe a grã prova do afirmado, que foi a PATHOS que o carregou ao túmulo; dela sabedor, aceitou tacitamente a proximidade da velha Parca - e não se adestrou a tratamentos difíceis, que a seu ver apenasmente protelariam o fatal exício; ninguém soube da gravidade de seu estado de saúde. A pretexto de negar preocupações aos próximos e aos amigos, ao final da insidiosa afecção é que buscou atendimento médico - quando já, inexorável, o anjo da morte o veio buscar para o ascender aos céus.

Tanto quanto possível seja de cerimônia fúnebre uma consagração, a que lhe foi prestada nesta Catedral de São Paulo assim o atesta; o féretro, colocado no transeptor do Templo, recebeu a visita de pessoas de escol e de anônimos e humildes - que a todos, indistintamente, bem atendia o notável partido; hoje, em Campinas, na necrópole das Saudades, lá repousa, entre os seus. Senhores: faz sete séculos entrava o Padre Piperno com o seu viático na cela da abadia cisterciense de Fossanova, em Itália, onde agonizava TOMÁS DE AQUINO.

Terminada a confissão, ultimados os sacramentos, o Cura explicou: “ACABO DE OUVIR UMA CRIANÇA DE QUATRO ANOS”.

Tal qual o grande doutor da Igreja, nosso BARRETO FONSECA também partiu como criança - com a alma pura como as fontes d'água das alturas, e exatamente como viveu - deixando aos pósteros o acicate da saudade, mais a gratidão ao Pai Eterno por havê-lo conhecido.

Em discurso que comoveu a plateia, José Vicente de Azevedo Pires Barreto Fonseca, um dos filhos do homenageado, lembrou da carreira, dos momentos vividos com o pai e dos exemplos por ele deixados:

Em nome da família, agradeço, antes de mais nada, a homenagem prestada ao meu querido pai por esse egrégio Tribunal de Justiça Bandeirante, na pessoa do seu MD. Presidente, Exmo. Sr. Desembargador Renato Nalini.

Agradeço, ainda, ao Exmo. Sr. Des. Ricardo Henry Marques Dip, coordenador da Agenda 150 Anos da Memória Histórica do Tribunal de Justiça, e, em especial, as palavras do ilustre amigo, o Exmo. Sr. Des. Luiz Beethoven Giffoni Ferreira, na pessoa de quem cumprimento todos os demais Desembargadores, magistrados, servidores e autoridades aqui presentes. Agradeço, por fim, aos familiares e amigos, muitos dos quais vindos de longe para estar aqui nesse momento tão especial para nós.

Tratando-se de uma homenagem, não poderia me furtar, nessas breves palavras, a relatar as virtudes de meu querido pai, que, em vida, nunca procurou a glória dos homens. Humilde ao extremo,



preferiu, nesta vida, fazer-se servo, contudo, sua coerência de vida, demonstrada no exercício dos papéis de magistrado, pai, marido, e ser humano, podem servir de exemplo a todos nós.

O magistrado:

Vou falar, inicialmente, do magistrado José Geraldo Barreto Fonseca, carinhosamente chamado de Barretinho por seus pares, cuja história na magistratura remonta ao ano de 1967. Um ano antes, recém formado, tendo sido aprovado em 1º lugar no concurso do Ministério Público, passou por algumas promotorias até assumir a de Santa Cruz das Palmeiras, onde conheceu o então juiz Álvaro Lazzarini, que, percebendo nele a vocação para julgador, logo fez por ele, que relutava, a inscrição no concurso da magistratura. Talvez tenha notado no jovem promotor a compaixão desmedida pelo próximo, que lhe parecia lhe impor desconforto em propor o avanço de ações penais que não estivessem estribadas em prova categórica de autoria.

Em julho de 1967, José Geraldo ingressava na magistratura. A vasta cultura jurídica e humanista, que angariou e esmerou a partir da leitura dos grandes clássicos do direito e da filosofia nos bancos acadêmicos da PUC de Campinas, permitiu-lhe, a par de sua apurada vocação, levar a bom termo a lida diária nos fóruns por onde passou. Guardava tudo em sua prodigiosa memória, de modo que era raro vê-lo em consulta à doutrina. Conservava, na verdade, em seu coração os postulados básicos do direito, viver honestamente, não lesar o próximo e dar a cada um o que é seu, e da sabedoria divina, amar a Deus sobre todas as coisas e o próximo como a si mesmo. Ao julgar, procurava superar a letra fria da lei, pois nem tudo que é legal é justo, para adentrar no seu espírito, traduzindo em termos concretos a realização da justiça.

Nos seus quase 45 anos de atividade judicante, foram muitas as decisões que trouxeram um novo olhar sobre questões jurídicas intrincadas, estabelecendo precedentes jurisprudenciais reveladores de sua humanidade e solidariedade com as partes menos favorecidas, sobretudo o réu no processo criminal, mas também o servidor público diante dos privilégios fazendários, e os pobres em litígio com partes melhor abonadas.

Enxergava mais do que partes, pessoas!, ao evitar, por exemplo, o desastre para muitas famílias em razão da prematura decretação da falência de empresas nas quais vislumbrava potencial recuperação econômica.

Profissional denodado, formava suas convicções após profunda reflexão sobre a verdade escondida por detrás da parcial narrativa das partes, sem prejulgamentos ou abuso de presunções. Buscava superar as posições antagônicas inspirado pelo dom de si, livre do clamor da mídia ou da opinião pública. A oração constante e a amizade com Deus favoreciam o encontro da justa medida das coisas, que lhe era confiada por aquele que é verdadeiramente o caminho, a verdade e a vida!

Possuía enorme zelo pela coisa pública – evitava ao máximo o desperdício de recursos –, bem como pelos processos sob sua custódia, cuidando para que os prazos não fossem excedidos, a despeito de sua meticulosa leitura e análise, página a página, o que implicava o avanço do expediente por sobre os finais de semana e feriados. A sobrecarga de trabalho não o impedia, contudo, de escapar diariamente do expediente para frequentar a missa nas paróquias que ladeavam o prédio do gabinete ou do Palácio da



Justiça.

Não conseguia conter o entusiasmo ao definir, após longo estudo, um caso complexo. Era como se tivesse tomado uma boa refeição: a realização da justiça o alimentava!

“Bem-aventurados os que tem fome e sede de justiça, porque serão saciados.”

O pai e marido:

Não há como falar do José Geraldo, o nosso “Papau”, sem mencionar nossa mãe, pois, almas gêmeas, onde estava um, estava o outro, como enamorados de primeira semana. A providência quis que se encontrassem, nos idos de 1964, em cartório eleitoral de Campinas, onde ela comparecera para providenciar o título de eleitor e fora atendido por seu futuro marido, que, por obra do acaso, substituía o responsável pelo atendimento do balcão. Propositadamente, José Geraldo guardou o documento preenchido em lugar diferente do usual para que, quando a jovem voltasse, ele tivesse o pretexto para atendê-la pessoalmente: foi o início da história de amor.

Pelo seu caráter e simpatia conquistou o coração da moça bonita e de seus pais, Jorge e Leonor. Por coincidência, o nome da jovem era o mesmo de sua mãe, Estella: passaram, assim, a ser as duas estrelas de sua vida.

Casaram-se no dia 1º de fevereiro de 1967, na Paróquia Divino Salvador, na cidade onde se conheceram. Como fruto desse amor, vieram os onze filhos, Maria Estella, José Geraldo, Maria Leonor, José Francisco, Maria Marta, José Vicente, Maria Jocelina, Maria Judith, Maria Carolina, Maria Luísa e José Felipe, e os, por ora, 23 netos.

Ao longo dos 47 anos de convívio, não houve um dia em que não tomassem as refeições juntos, às custas, às vezes, de longa espera de um pelo outro. Tarde da noite, recolhiam-se, sempre juntos, aos aposentos, para que pudessem conversar e meditar sobre todas as questões familiares sob a luz da oração.

Lembro-me com saudades dos dias das mães, quando meu pai preparava uma “surpresa” – que se repetia todo ano – consistente na entrega dos presentes, fazia questão, individualmente por cada um dos filhos: a coleção de almofadas já vinha completa!

“Papau” era um pai zeloso que, apesar da enormidade de trabalho que concorria com a atenção aos filhos e à família, superava sua timidez pelo amor incondicional. Gostava de nos ter junto dele na poltrona do papai, onde balançava ao mesmo tempo em que cantarolava músicas sacras. Quando ainda pequenos, acordávamos no meio da noite, em razão de alguma pequena febre, ou tardávamos a dormir, vinha nos acalmar ao murmúrio da canção “Eu quisera”, imagem que trago bem viva até hoje, quando são os meus filhos que relutam em adormecer. Como era difícil perder a paciência, mas quando aprontávamos algo e fazíamos jus ao castigo, não tardava em vir nos consolar e pedir desculpas pela justificada exasperação de humor, e ainda, ali, no castigo, aprendíamos o significado da humildade e da misericórdia. Era lento na ira, e rápido no perdão.

Possuía uma pedagogia única. Quando éramos duros demais com seus netos, pedia que



moderássemos, pois “não eram um adulto pequenininho”.

José Geraldo dispensava todos os cuidados com a família, não descurando nenhum aspecto de nossa formação cultural, ética e religiosa. Às sextas-feiras, realizávamos o terço em família, com a participação, debaixo de vara, dos filhos de vizinhos que lá estivessem. Visando certificar-se de que não faltariam fontes de consulta para os nossos trabalhos escolares, comprava todas as enciclopédias que lhe fossem oferecidas: tornou-se disputado pelos vendedores de Barsa e similares. Previdente, abriu conta de poupança para os filhos desde a tenra idade, onde sistematicamente depositava pequeno numerário. Todo mês formávamos uma fila enorme diante da porta do escritório para recebermos a mesada, a depender do mérito e escalonada segundo o avanço escolar.

Viveu modestamente, dando o que podia a seus filhos e a quem lhe pedia. Levava uma vida humilde. Amava a pobreza. Havia um só Deus em sua vida.

“Bem-aventurados os pobres no espírito, porque deles é o Reino dos Céus.”

O ser humano:

Vou tratar agora do José Geraldo como ser humano, nascido aos 26 de outubro de 1941, em Campinas, filho do ferroviário Benedicto Ferreira Fonseca e Maria Estella Barreto Fonseca, que tiveram três filhos, Benedicto José, Joaquim de Paula e o caçula hoje homenageado.

Desabrochou cedo em seu coração o amor pela verdade e pela justiça. A verdade, buscou-a por meio da adesão devotada aos sagrados ensinamentos da Igreja e da frequência diária ao sacramento da comunhão, mergulhando profundamente nos mistérios do Criador. O extremado amor a Deus o impulsionou, na juventude, a buscar conhecê-lo mais profundamente, com o quê colaborou a inscrição no curso filosófico teológico de Teilhard de Chardin, dos padres capuchinhos, em Sumaré.

Angariou conhecimentos que lhe propiciaram debutar no magistério superior, na mesma faculdade onde se formara, onde lecionou, de 1970 a 1979, Direito Canônico, Estudo dos Problemas Brasileiros, Doutrina Social da Igreja e Teologia. Participou, desde pequeno, de diversos movimentos da Igreja, como Legião de Maria, Juventude Estudantil Católica, Sociedade São Vicente de Paulo, dentre outros. Mais tarde, tornou-se palestrante, ao lado de minha mãe, do curso de noivos da Paróquia Divino Salvador, na Vila Olímpia, formando milhares de casais ao longo de quase 30 anos.

Mas José Geraldo não era um teórico, ao contrário, vivia profundamente aquilo que ensinava. Se são os exemplos que arrastam, é possível afirmar que o seu vigor apostólico tinha o condão de provocar uma verdadeira revolução espiritual ao seu redor, seja entre os amigos, seja por meio da vida acadêmica, retomada por longos anos em outras instituições, como a UNIP e a Academia de Polícia Militar do Barro Branco.

De fato, sua coerência, assomada à vida social plena, permitiram-lhe o legado da amizade em todos os lugares onde esteve. As remoções inerentes à carreira favoreceram a que fizesse grandes amigos nas comarcas do interior, sobretudo em Bragança Paulista, Sumaré e Diadema. São inúmeros os compadres, afilhados de batismo e de casamento, muitos deles nessas localidades. Com sua simpatia e jeito simples de



ser, prosseguiu alhures granjeando novas e profundas amizades.

Muitos passaram a frequentar sua casa após o conhecer em situações diversas, como o engarrafamento na estrada, a compra na loja de roupas ou o serviço prestado por ocasião de refeição encomendada à família. Tantos outros eram convidados a participar da conhecida “reunião para discutir temas da doutrina católica”, realizada todo mês em sua casa.

Amigo leal e sincero, fazia-se presente nos momentos mais importantes, de alegria ou de dor. Tratava-se de figura constante em aniversários, casamentos e velórios. Se não podia comparecer a todos, era garantido ao menos o telefonema ao aniversariante e o presente aos noivos, normalmente uma edição de luxo da Bíblia Sagrada.

José Geraldo não fazia acepção de pessoas. Tratava-as igualmente, qualquer que fosse sua ocupação ou condição social, de maneira que eram sempre bem-vindas à intimidade do seu lar e ao convívio de sua família.

Sua alma pura recebia a todos que acorriam a ele sempre com uma palavra amiga, de incentivo, que descortinava a solução para problemas aparentemente complexos. E por mais grave que fosse o problema, ele o distinguia da pessoa que lhe dera causa; era compassivo, não tinha preconceitos.

E como era pura sua alma, tão cristalina que de seu olhar só emanava ternura. Um olhar sempre atento às necessidades dos outros. Antes que fosse solicitado, saía prontamente em socorro de quem dele precisasse, sem esperar nada em troca.

Também em seu gabinete de trabalho recebia, sem agendamentos, servidores do tribunal, instituições de caridade, associações religiosas e todo aquele que lhe apresentasse uma demanda, cujo encaminhamento era assumido pessoalmente.

Suas sábias palavras traziam paz e conforto àqueles que buscavam seus valiosos conselhos. Sua boca, sempre pronta a semear o bem, não servia à maledicência, pois só enxergava a virtude nos outros.

Dotado de um espírito alegre e benfazejo, tornava qualquer ambiente mais agradável com suas bem-humoradas colocações e gentis palavras. Estava sempre disposto a favorecer novas amizades, a reconciliar os desafetos e a arrefecer os ânimos mais exaltados.

Ouvia as aflições dos outros e as tomava como próprias, comiserando-se para, ao final, desvelar um consolador sorriso.

Sua gentileza era desconcertante, no trânsito, no ônibus – que utilizava com frequência –, na fila do elevador, no mercado ou no condomínio. Cumprimentava a todos, de modo que era conhecido pelo nome e respeitado por taxistas, garçons, porteiros e até mesmo pormendigos e andarilhos.

Cedia, sistematicamente, seu lugar e sua posição. Foram diversas as vezes em que atendeu a pedidos de permuta de câmara ou troca de gabinete feitos por colegas, chegando, certa feita, a abrir mão da própria promoção.



Era tão generoso que por vezes se formava uma fila de pessoas com necessidades diversas nos intervalos das sessões de julgamento e no gabinete de trabalho. Sou testemunha da corriqueira doação do lanche que serviria de almoço, à revelia do conhecimento de minha mãe, em favor das faxineiras que atendiam ao gabinete.

Possuía uma visão privilegiada da história e da ciência, que lhe permitia conceber teorias inovadoras, sustentadas mais entre os amigos que nas cátedras.

Seu coração, ah! seu coração... Ali estava o seu centro de gravidade, como revelava a máxima que apunha em cadernos escolares e guardanapos de papel: “AMORPONDUSMEUM”. Nele grassavam dulcilidade, cordialidade, ternura, gentileza, bondade, alegria, dentre tantas outras virtudes, exteriorizadas em pequenos gestos, sutis, despercebidos, tomados com a discrição dos humildes.

Era ele todo uma criatura única.

Só nos resta agradecer a Deus a oportunidade e a graça de ter com ele convivido tão de perto. Que agora nosso querido José Geraldo, após sua almejada e derradeira promoção, que o levou a estar ainda mais próximo de Deus, interceda por todos nós, e, pelo seu exemplo, inspire nossas vidas e purifique nossos corações.

“Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus.”

Ao encerrar a solenidade, o presidente do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, desembargador José Renato Nalini, falou da alegria de ter convivido com o homenageado. “Nós tivemos a felicidade de conviver com um santo. Se há alguém que mereça esse reconhecimento, esse era Barreto Fonseca. Ele era bondoso, tinha um coração sensível e era feliz. Nossa intenção, com essa homenagem, é mostrar para as futuras gerações que tivemos no nosso Tribunal pessoas da melhor qualidade, como ele.”

Prestigiaram a homenagem os presidentes da Seção de Direito Criminal, Geraldo Francisco Pinheiro Franco e da Seção de Direito Público do TJSP, Ricardo Mair Anafe; o ex-presidente do Tribunal de Justiça de São Paulo - 2011, desembargador José Roberto Bedran; o vice-presidente do TJSP – biênio 2012/2013, desembargador José Gaspar Gonzaga Franceschini; o vice-presidente do Tribunal de Justiça Militar do Estado de São Paulo, juiz coronel Fernando Pereira; o vice-presidente do Conselho da Associação Paulista de Magistrados, Renzo Leonardi, representando o presidente; a desembargadora Lúgia Cristina de Araújo Bisogni; a defensora pública coordenadora do Núcleo Especializado de Segunda Instância e Tribunais Superiores, Amanda Pontes de Siqueira, representando o defensor público-geral do Estado de São Paulo; o conselheiro da Ordem dos Advogados do Brasil – Seção São Paulo, Luis Roberto Mastromauro, representando o presidente; o abade Matthias Tolentino Braga, da Ordem São Bento do Mosteiro de São Bento de São Paulo; o chefe da Assessoria Policial Militar do Estado de São Paulo, coronel PM Washington Luiz Gonçalves Pestana; o chefe de gabinete da Presidência do Tribunal de Justiça de São Paulo e decano da Academia Paulista de Letras, poeta Paulo Bomfim; magistrados, servidores, familiares e amigos do homenageado.

